

A Responsabilidade trans-humana: o dever ser da natureza além do homem<sup>1</sup>

Gabriel Ramon Martins<sup>2</sup>

Em “Pensar sobre Deus e outros ensaios” (Jonas, 2012), Jonas conceitua a qualidade racional e simbólica dos homens como uma qualidade “trans-animal” (Jonas, 2012, p. 31). Estas qualidades são em sua obra as predecessoras das habilidades que cultivamos para desenvolver as ferramentas, que por sua vez são dadas como a base da técnica e antecedem a inventividade que envolveu-nos para a criação das técnicas modernas – as ferramentas tecnológicas. Estes desdobramentos, iniciados por nossas distintas capacidades de intervenção na natureza, direcionam ao entendimento de que a movimentação humana se direciona para *além* da natureza. Ainda que não apartada totalmente devido a sua relação de dependência com esta mesma natureza, os humanos cultivaram espaços particulares para que pudessem se refugiar dos distintos elementos da natureza externa – algo que Hans Jonas compreendeu como a formalização dos espaços (e como conceito) das Cidades (Jonas, 2006, p. 33).

Mas sendo as cidades uma evidência arquitetônica das capacidades humanas – que abriga todas as suas criações – e de seu direcionamento ascendente ao que é “trans-animal”, como podemos reconhecer as qualidades daquilo que é “trans-humano” e, portanto, aquilo que está fora das cidades e ainda é reconhecido como parte de uma natureza *não civilizada*?

Como uma progressão exponencial, o crescimento das Cidades ocorreu de forma distinta, dentro de uma nova concepção de tempo contextualizada pelos muros que a humanidade construiu, da mesma forma que o próprio poder técnico foi lançado á novos patamares, realizações *nucleares* (Jonas, 2012, p. 181) que no passado jamais poderíamos sequer imaginar ser possível. Mas este poder trouxe consigo a exigência de mais espaço, para que pudesse se desdobrar incessantemente até as promessas virtualmente infinitas do poderio tecnológico (Jonas, 2013, p. 36). Deste modo, tornou-se necessário que os

---

<sup>1</sup> Este resumo é parte de uma apresentação realizada no evento "[Hans Jonas – Responsabilidade hodierna para com o futuro - Eventum](#)" (2025), Congresso internacional para marcar a fundação da Sociedade Internacional Hans Jonas (SIHJ).

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PPGF-PUCPR). gabriel.ramon27@hotmail.com.

muros das cidades se opusessem à natureza, expandindo os espaços da civilização e dominando os espaços selvagens – deixando de fugir da natureza, os humanos conquistaram o poder para dominá-la.

Sendo o autor da “*responsabilidade*”, Jonas compreendeu que as formas pelas quais os seres humanos se estabeleciam no mundo mudou drasticamente através das eras, como consequência das nossas distintas criações tecnológicas, que concederam o poder necessário para que efetivamente possamos intervir na forma como a natureza se desenvolve, ainda que, em um passado não tão remoto, mesmo através de todo o esforço pretendido não conseguíamos prejudicar a natureza em seu equilíbrio firmemente sentado (Jonas, 2006, p. 32).

Assim como é necessário que pensemos em um *dever ser do homem* (Jonas, 2006, p. 152) e o que envolve nossa responsabilidade em garantir a continuidade da espécie, também nos é dado o dever de garantir que a natureza – e os sujeitos que nela fazem morada – tenham a garantia de que o futuro se estenderá também para ela própria.

Em nosso tempo, em que empresas formalizam e executam projetos para a *des-extinção* de espécies e abrem precedentes para uma forma de *conservação póstuma*, é necessário reforçar a necessidade de dialogarmos os termos de uma preservação de convívio e princípios responsáveis.

Sob estes princípios podemos falar adequadamente sobre um amanhã que vale a pena ser vivido, sem que deixemos rios, florestas e montanhas serem devorados pelo domínio da civilização e passemos a viver em ambientes artificiais (Krenak, 2019, p. 20).

## **Referências**

JONAS, Hans. **O princípio Responsabilidade:** ensaios de uma ética para a civilização tecnológica. Tradução de Marijane Lisboa e de Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto/ Editora da PUC-Rio, 2006.

JONAS, H. **Pensar sobre Dyos y otros ensaios.** Tradução de Angela Ackermann. Barcelona: Editora Herder, 2012.

**REVISTA PAIDEIA DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ**  
**27<sup>a</sup> ed./2025 – ISSN 2595-265X**

JONAS, Hans. **Técnica, medicina e ética:** sobre a prática do princípio responsabilidade. Tradução do Grupo da ANPOF. São Paulo: Editora Paulus, 2013.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.